



verve

crônicas de insubmissões em livro e na vida

o autor não tencionou contentar essa ou aquela ideologia, grupo ou liderança. Também não quis fazer um escrito “água com açúcar” na intenção de agradar a todos.

A verdade muitas vezes gera furor, controvérsia e desagrado para aqueles que querem usar a história para estabelecer suas crenças políticas e/ou religiosas.

Edgar Rodrigues nunca se achou infalível, inquestionável e muito menos “certinho”... suas *Lembranças Incompletas* também não são, entretanto, esse é um livro ainda injustiçado pelos próprios anarquistas e somente o tempo (com sua sabedoria) irá reconhecer a importância inestimável do mesmo para os ideais libertários.

crônicas de insubmissões em livro e na vida

EDSON PASSETTI

Abel Rebollo, Miquel Vallès, Paco Madrid e Quim Sirera.
Días rebeldes: crônica de insumisión. Barcelona, Ediciones Octaedro, 2009, 319 pp.

Vivemos tempos difíceis!?

Fala-se muito disso e daquilo, porém fazem-se coisas de maneiras muito similares.

Edson Passetti é Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Nu-Sol.

verve, 17: 205-209, 2010

205



Fala-se em singularidades, mas forçosamente até os agrupamentos mais radicais tendem à uniformidade, ou melhor dizendo, ao pluralismo no interior do uniforme.

Os militantes vinculados ao ensino e à pesquisa estão capturados pelos critérios de monitoramento e avaliação acadêmicos; os tragados pela empregabilidade, veem-se forçados a exercer uma restrita atuação em finais de semana, análoga às do empreendedorismo social. Nunca se constatou tantos anarquistas quanto os localizados via Internet; o *Google* se transformou em uma verdadeira enciclopédia iluminista repaginada, incluindo-se *Wikipédia* e *Anarkopédia*, regidas por um sem número de regras, explicitamente antiautogestão. Enfim, estamos sob um processo de capturas jamais visto.

Se as palavras já não designavam coisas, hoje elas são enlaçadas por forças sociais diversas, não só para atualizar seus discursos, mas, principalmente, para esvaziar as práticas de ação direta. Tudo se encontra aberto, arquivado e vasculhado para imobilizar resistências: a mais nova versão da transparência democrática, a mais atual maneira de dominar pela centralização de poder com base na descentralização administrativa.

O livro, este objeto de dimensões ético-estéticas indescritíveis, ainda permanece como espaço de resistência. Por ele passam reflexões pessoais e coletivas, que mesmo disponíveis livremente ao público, requer antes o desejo para tê-lo, folhear suas páginas, sem temer a pressa exigida pela atualidade, propiciando até mesmo uma reflexão lenta e demolidora, afeita a ultrapassagens.

O livro se distingue da enciclopédia construída de Diderot ao *Google*, por exigir mais, por ser mais generoso



crônicas de insubmissões em livro e na vida

com os argumentos, mais criterioso quanto aos métodos, mais instigante à inteligência livre das produtividades e das exibições espetaculares, vaidosas e inertes.

Um livro não se opõe à Internet. Esta é capaz de absorvê-lo; apenas dela se diferencia, como singularidade. Pouco importa que digam haver livros e livros, e que no futuro todos os leremos pela eletrônica. Um livro é sempre uma linguagem estranha à pressa dos dispositivos eletrônicos. Até mesmo para os que dele fazem uso com autoajuda.

De repente, ao leitor em busca de livros que remexam o estado das coisas vigentes, aparece *Días rebeldes*.

O título anuncia seu vínculo oposto à retórica, à rapidez e ao imediato. Não pretende responder de forma totalizadora a um conceito *rebeldia*. Indica ao leitor, por um método claro antisservidão, costumes inventados pelos rebeldes, extraídos de mitos, poesias, relatos, situações à margem da historiografia acadêmica, lembranças de pequenos gestos capazes de desestabilizar, insurreições.

Os acontecimentos rebeldes apresentados pelas lentes do presente. Este presente tão avançado tecnologicamente, e tão retrógrado nos costumes. Somos convidados a atravessar espaços e tempos diversos neste planeta, refletindo sobre nossos vínculos com os *dias rebeldes* do passado, em cada dia de possível rebeldia a ser inventada. Estamos convidados e incitados a lidar com o inédito diante de situações de servidão voluntária, e dispensados das versões progressistas, evolucionistas e vitimizadoras da história.

Estamos diante de verbetes de poucas páginas que nos remetem ao acontecimento singular realizado por gente indomesticável.



O livro começa com o dilúvio segundo a versão suméria encontrada na *Epopéia de Gilgamesh*, num tempo de deuses contra deuses, de deuses superiores e inferiores que inventaram os homens como escravos pela intervenção da deusa-conselheira Enlil. Mas essa gente procriou, cresceu e se robusteceu, contestou a condição que lhes foi imposta pelos deuses. Em resposta, vem a vingança dos deuses com epidemias e dilúvio com a salvação de uma parte dos vivos para permanecerem servindo aos deuses, sob o regime dos tabus. O relato da prática de dilúvios também reaparece quando o rei assírio Senacherib depois de esmagar os rebeldes com seus exércitos, ordena romper os diques para afogar os insurretos. Os deuses inventaram os homens para servi-los; estes se rebelam contra a servidão e as insurreições são incontáveis.

Os organizadores do livro nos levam à primeira greve na história ocorrida no Egito, na época de Ramsés III, uma greve contra a fome; à emergência da *filosofia do povo* com Lakayatas, na Índia, há mais de 3 mil anos, em favor da vida livre de deuses e homens superiores; ao efeito da invenção pela democracia direta ateniense expressa na peça de Aristófanes *Ekklesiázouzai*; a presença arrebatadora de cínicos e estóicos contra o academicismo na vida e na filosofia; a revolta com abolição de escravos (Spartacus). Avançamos pela Europa, Ásia, África, Oceania e Américas até os dias de hoje, até as revoltas na Grécia em 2008, Chiapas, as surpresas no Irã, os rompimentos com racismos, os novos racismos, as novas lutas, e o que há de novo nestas novidades rebeldes.

Abel Rebollo, Miquel Vallès, Paco Madrid e Quim Sirera buscaram amigos pelo planeta adentro para escreverem sobre rebeldias em seus pequenos espaços, países,



verve

crônicas de insubmissões em livro e na vida

continentes. Dividiram com eles, livremente, a escrita e a escolha dos dias rebeldes que pudessem conversar com a atualidade de libertários. Abriram muitos verbetes, incompletos, a serem acrescentados, não só por lembrança a algum esquecido, mas pelos que podem acontecer, segundo um querer por ultrapassar a servidão.

Não há tempos difíceis, apenas espaços a serem inventados pelos rebeldes rompendo com costumes, Estado e todo ardiloso que se pretende superior.

